

Philomena Miller: Brasília-França, entre o exílio e o ensino

Maribel Aliaga¹, Ana Laterza² e Luiza Coelho³

Resumo

Este artigo pretende contar um pouco da trajetória da arquiteta Philomena Miller-Chagas, principalmente no que tange à sua relação com o ensino e às instituições por onde circulou; e de registrar o caráter inovador de sua atuação e produção. Desde sua formação em Minas Gerais à passagem pela Universidade de Brasília, onde juntamente com os seus colegas mestrandos viveu o desmonte da primeira tentativa de Universidade em Brasília. O contexto político da época fez com que eles, assim como os demais professores, decidissem em conjunto pela demissão coletiva. Após uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, segue para o exílio na França em 1966, onde como pesquisadora, se envolveu na reforma do ensino francês, e onde reside até hoje. Sua trajetória sempre foi dedicada a pensar e estudar o espaço da arquitetura e sua relação com a ambiência.

Palabras clave: mulher arquiteta; Brasília; ensino; política

Abstract

This article intends to tell a part of the trajectory of the architect Philomena Miller-Chagas, mainly regarding her relationship with teaching and the institutions in which she took part, as well as to register the innovative character of both her practice and production. Her professional path started at her graduation in Minas Gerais and moved on to the construction of the University of Brasilia, where she and her fellow classmates have witnessed the dismantling of the first attempt of establishing a higher education institution in the new capital, being forced to resign collectively. After a short term in Rio de Janeiro, she exiled to France in 1966 where, as a researcher, she engaged in the reform of French education, and where she still resides nowadays. Her life trajectory was dedicated to theorizing and studying architectural spaces and their ambiances.

¹ Arquiteta e urbanista, professora na FAU-UnB desde 2008. Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG – Universidade de Rio Grande do Sul, e doutora em Teoria e História da Arquitetura pela Universidade de Brasília. Feminista e Investigadora del Observatorio Amar.é.linha.

² Arquiteta e urbanista pela UnB e pelo Politecnico di Torino, mestranda na FAU-UnB. Assessora da Presidência do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, com experiência em matérias de ensino, formação, relações internacionais e equidade de gênero e integrante do Observatorio Feminista Amar.é.linha.

³ Arquiteta e urbanista, faz mestrado pela FAU-UnB. Vice-Presidente Extraordinária de Ações Afirmativas do Instituto de Arquitetos do Brasil e Conselheira Superior no departamento do instituto em Brasília. É cofundadora da Colectiva Arquitectas inVisiveis e integrante del Observatorio Feminista Amar.é.linha.

Keywords: woman architect; Brasilia; education; politics

Para além do teto de vidro

Philomena cursou e concluiu o curso de arquitetura e urbanismo entre o final do anos 1950 e começo dos 60, em um tempo em que poucas mulheres ocupavam esse espaço. Mesmo com a sua família residindo na capital, ela morava e trabalhava na universidade como instrutora.

Ao ingressar na Universidade de Brasília, construída para ser referência nacional, esperava-se que a sua formação, assim como a de seus colegas, incluísse períodos de experiência no exterior, pois acreditava-se que a instrução em países desenvolvidos (em especial na Europa ou nos Estado Unidos) fosse sinônimo de qualidade.

Após ter o seu percurso formativo abruptamente interrompido pelo regime militar, perseguiu a sua carreira por meios próprios, se inscrevendo em um estágio na França e partindo para a experiência no exterior sozinha. Na mala, ela carregou o que havia de melhor na Arquitetura mundial naquele momento: a experiência de Brasília.

Sua formação sólida e impregnada pela Arquitetura Moderna Brasileira permitiu que ela se inserisse em equipes multidisciplinares de pesquisa, onde pôde observar as diferenças de abordagens climáticas na arquitetura naquele momento. Enquanto o Brasil tinha um olhar voltado a soluções naturais de conforto ambiental, na França ela encontrou uma arquitetura ainda fascinada com a máquina e a climatização artificial, o que persistiu até o final da década de 1970 com a crise do petróleo.

Philomena foi também influenciada pela intelectualidade brasileira da época, que instigava o conhecimento do Brasil profundo, de suas raízes e técnicas vernaculares. Esse aspecto, aliado à influência das tradições patrimoniais europeias, direcionaram a sua pesquisa ao longo do tempo, conectando a questão da ambiência à relação dos espaços edificados com o sítio e a cultura europeus.

Mesmo sendo uma mulher latino americana, o que implicava em exceder expectativas para alcançar o reconhecimento, o seu olhar multidisciplinar e vanguardista fez com que

seus estudos desenvolvidos na universidade de Estrasburgo sejam referência para pesquisadores brasileiros e europeus até os dias de hoje.

A Universidade de Brasília e a pós graduação

A aprovação do projeto da UnB aconteceu em fins de 1961, e no segundo semestre de 1962 a instituição começou a funcionar com os primeiros cursos-tronco e vários cursos de pós-graduação. Darcy Ribeiro, antropólogo e um de seus idealizadores, disse que “era preciso formar profissionais para a capital em construção”. Para a concretização do seu projeto, chamou alguns nomes-chave e de destaque nas respectivas áreas, e para concretizar uma grandiosa proposta de instituição, confiou nos jovens, conferindo à instituição um caráter de formação de professores para o resto do país.

O início das aulas de graduação se deu de forma precária em salas emprestadas no Ministério da Saúde. As aulas do curso de arquitetura eram ministradas *in loco* nas construções da cidade universitária. As obras da instituição recém aprovada, assim como a cidade, tinham um ritmo acelerado de construção. Para o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, não havia lugar melhor para se ensinar arquitetura do que um canteiro de obras.



Fotografia 1: Oca em construção. Fonte CEDOC.

Além da construção do campus, para entrar em pleno funcionamento, a UnB tinha outro problema a enfrentar: a instituição precisava contar com profissionais técnicos e docentes qualificados. Darcy Ribeiro se empenhou em atrair pesquisadores reconhecidos em todo o país, estes, por sua vez, criaram equipes de trabalho e pesquisa, atraindo jovens recém-formados para os cursos de Mestrado, com o objetivo de formar um quadro docente para a própria universidade e para outras instituições.

As arquitetas e a Bauhaus do Cerrado⁴

A primeira organização do curso, o ICA-FAU, se assemelhava à Bauhaus, principalmente no que tange ao espaço que as arquitetas ocupavam. O curso tronco, que era a base do curso de arquitetura e urbanismo, era onde se encontravam as mulheres professoras, artistas e historiadoras importantes. Elas também atuavam no ensino e desenvolvimento da percepção visual, no desenho a mão livre, nas oficinas de gravura e na introdução à história da arte. Não obstante, não estavam presentes nos ateliês de projeto, e tampouco no CEPLAN (Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico), sendo esses espaços integralmente masculinos. Não podemos esquecer que nesse momento as mulheres arquitetas no Brasil representavam um percentual ínfimo dos profissionais.

ABEL CARNAÚBA DA COSTA ACCIOLY • ADEILDO VIEGAS DE LIMA • ALDA RABELLO CUNHA • AMÉRICO ALVES LYRA • ANA MARIA DE NIEMEYER SOARES • ANTÔNIO PEDRO DA SILVA • ARLINDO FACIOLI • ARTHUR LÍCIO MARQUES PONTUAL • ATHOS BULÇÃO • AUGUSTO GUIMARÃES FILHO • BENITO SECHI SCOUTETUAZZA • BOLIVAR RIBEIRO DE BARROS • CARLOS AUGUSTO R. CAMARGO • CARLOS ELIAS PAULINO • CASIMIRO GOMES DE OLIVEIRA JUNIOR • CESAR BARNEY CALDAS • CESAR GONÇALVES FILHO • CLAUS PETER M'UHE • DAGOBERTO RODRIGUES • DERMEVAL CORREIA MONTEIRO • ELIAS KAUFMAN • ERASMO FRANCO • ERNESTO MARIANO DA SILVA JOTTA • EVANDRO PINTO SILVA • FERNANDO JOSE BRASILEIRO DE MELO • FERNANDO LUIZ DE CONI CAMPOS • FERNANDO PENNA BOTAFOGO GONÇALVES • FLÁVIO D'AQUINO • FLÁVIO MATTOS • FRANCISCO DE ASSIS FARIA • GALDINO DUVRATT C. CUNHA LIMA • GAUSS MARINHO ESTELITA • GERALDO DE CASTRO PISMEL • GERALDO SA NOGUEIRA BATISTA • GERMANO SOARES BRANDÃO • GISELA DE MAGALHÃES • GIUSEPPE EMIL TIZZANO • GLADSON DA R. PIMENTEL • GLADSON DA ROCHA PIMENTEL • GLAUCO DE OLIVEIRA CARNEPPELO • GUY LOUIS DIMANCHE • HARRY JAMES COLE • HEITOR ANNES DIAS VIGNOLI • HEIZA FRANÇA DE ARAUJO • HELCIO DE FREITAS CORDEIRO • HELIO DE MELLO • HERMANO GOMES MONTENEGRO • IBERÊ S. GOULART • ÍTALO CARNPOFIORITO • ITO DOLLABELLA • IVANA ZUBIC • JACKSON ALVES DA ROCHA • JAIME DANTAS CAMPELLO • JAYME ZETTEL • JOÃO BALDO • JOÃO URBANO DE REZENDE COSTA • JOAQUIM CARDOSO • JOHN CANONGIA LONG • JORGE DE SOUZA • JORGE RIBEIRO LACLETE • JOSE ANCHIETA LEAL • JOSE CARLOS FADUL • JOSÉ DE SOUZA REIS • JOSE EDUARDO MAIA DE MENDONÇA • JOSE FERNANDO DA COSTA MADEIRA • JOSÉ GALBINSKI • JOSÉ MANOEL K. LOPES DA SILVA • JOSÉ MARIA DE A. SOUZA • JOSÉ ROBERTO B. DE CARVALHO • JOSÉ VALTON ARAGÃO ARAÚJO • JOSÉ VICENTE DA ROCHA PAZ • JÚLIO MEDA • KAL SCHNIDT • KLEBER MONTE DE CAMPOS • LAURINDA RIBEIRO DE REZENDE • LÉA DA SILVA ARAÚJO • LOURENÇO WALTRICK SOBRINHO • LOVIS ROCHA DELGADO • LÚCIO COSTA • LÚCIO MARINHO ESTELITA • LUIGI PRATESI • LUIZ ANTÔNIO MOREIRA DA SILVA • LUIZ AUGUSTO PEDRAL SAMPAIO • LUIZ HENRIQUE GOMES PESSINA • MÁLIO DOS SANTOS CARDOSO • MANOEL CONDE MARTINEZ • MANOEL DIAS MACHADO • MANUEL BARBOSA DE ARRUDA • MARCEL EDMOND DIMANCHE • MARCILIO MENDES FERREIRA • MARCOS JAIMOVIC • MARIA ELIZA M. G. COSTA • MARIA LUIZA DE CARVALHO • MARIA LUIZA P. DE CARVALHO • MÁRIO BRUNO FAINBAUM • MÁRIO CATRAMBY • MARIO GUILHERME DA SILVEIRA • MÁRIO NOREIRA FONTENELLE • MARLENE FERERIRA BRUNO DA SILVA • MATHEUS GOROVITZ • MAURÍCIO DIAS DA SILVA • MAURO VINHAS DE QUEIROZ • MAYUMI WATANABE SOUZA LIMA • MESSIAS PEREIRA DE ANDRADE • MILITÃO DE MORAIS RICARDO • MILTON RAMOS • NAURO JORGE ESTEVES • NEY CARLOS ESTEVES • NILZA MARIA DANTAS CONCEIÇÃO • ODETE DAMASCO BITTENCOURT • OLAVO DE LIMA • ONOFRE GONTIJO MENDES • OSCAR DA FONSECA FILHO • OSCAR NIEMEYER SOARES FILHO • OSWALDO LONTRA NETTO • OTACÍLIO NATAL SILVA • OTÁVIO SERGIO DA C. MORAES • PAULO CASTILHO LIMA • PAULO COMISSÁRIO DE A. FONTES • PAULO DE MELLO E SILVA • PAULO DE MELO ZIMBRES • PAULO EDUARDO DE H. DA SILVA • PAULO MOURÃO MONTEIRO • PEDRO SAGULO • PETRÔNIO EMANUEL DE CERQUEIRA • PHILOMENA CHAGAS FERREIRA • PIETRO BATINI • RAIMUNDO JOSÉ NOGUEIRA • RENATO DE MENDONÇA JUNIOR • RICARDO LIBANEZ FARRET • ROBERTO LACOMBE • ROTHIER SOARES BENTHER • SABINO MACHADO BARROSOS • SALOMÃO TANDETA • SAMUEL URY S RAWET • SEBASTIÃO JACQUES SELRNAN • SERGIO DE SOUZA LIMA • SERGIO MARTINS • SERGIO PÓRTO • SETÍMIO NARCISO • SÍLVIO RIBEIRO • SÍLVIO SCHOELIKAPF • STELLIO RODOLFO BASTOS SEABRA • SUELY FRANCO NETTO GONZALES • THEODORO JOELS • VICTOR FADUL • VICTOR NOEL SALDANHA MARINHO • VLADAS VYCAS • WALDEMAR COELHO DA ROCHA E SILVA • WALDIR CHACON DE LEMOS • WALTER DE SOUZA RIBEIRO • WASHINGTON VIEIRA PIMENTA • WILLY BEZERRA DE ALELLO • WILMAR JORGE TELLES • WILSON REIS NETTO

Fotografia 2: Nome de arquitetas e arquitetos que estiveram em Brasília entre 1960/65 a partir do registro de filiação ao IAB-DF, CAU-DF e Departamento de Arquitetura Novacap. Fonte: Autoras.

Ainda que a realidade do Planalto Central fosse tão dura, muitas jovens mulheres vieram para a Capital com suas famílias. Outras, desbravadoras, se aventuraram no pó vermelho do cerrado e vieram trabalhar e estudar na criação da Universidade de Brasília. Entre os registros da passagem feminina pela universidade, incluem-se os relatos orais, as relações de filiação do IAB e as listas dos encontros comemorativos,

⁴ “O Bioma Cerrado abrange 13 estados brasileiros, em uma área de cerca de 200 milhões de hectares, sendo a savana mais rica em diversidade do mundo e o segundo maior bioma do país. Posicionado na região central no país, faz limite com a Mata Atlântica, a Floresta Amazônica, a Caatinga e o Pantanal.”

que indicam que em torno de 15 arquitetas atuavam na cidade nos anos de 1960/65, o período de maior impulso na construção local.

De Minas Gerais para Brasília



Fotografia 3: Vista aérea da asa sul em construção com as casas da W3 à frente e as superquadras ao fundo. Fonte: Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962.

Minha família morava na W3, naquele conjunto de casas geminadas, era uma inadaptação muito grande delas com relação ao clima local. A gente morria de calor quando fazia calor, morria de frio quando fazia frio, era uma coisa realmente incontestável. Me interessei em tentar primeiro obter os dados climáticos locais. Na época os dados meteorológicos eram muito distantes e eram medidos e não tratados. Então eu fiz um trabalho de tratar esses dados primeiro para entender o que acontecia. Como eu vim de Belo Horizonte, o clima não era o mesmo. Tentei fazer esse trabalho para compreender. (MILLER, 2021)

Philomena Chagas Ferreira se formou pela Escola de Arquitetura de Minas Gerais em 1962 e logo em seguida veio a Brasília. Seu pai trabalhava com Israel Pinheiro na construção da Capital. Como mestranda, desenvolveu sua pesquisa com base nos dados sobre o clima enquanto parâmetros para a edificação em Brasília. Segundo ela, procurava “definir as particularidades do clima do planalto, seus aspectos positivos a explorar e seus inconvenientes a considerar nos projetos de edifícios”. Sua pesquisa teve orientação dupla: quanto às questões de clima, recebeu contribuições do professor Eustáquio de Toledo e como orientador geral de dissertação contou com o arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé. Como membros de sua banca de mestrado, teve, além de Lelé, os arquitetos Edgar Albuquerque Graeff e Vilanova Artigas.



Fotografia 4: Philomena recebe o anel de formatura do paraninfo Vilanova Artigas em 1962. Fonte: Philomena Miller

Philomena conta que em duas ocasiões teve contato com Artigas. Na primeira, ele foi paraninfo da sua turma na Escola de Arquitetura de Minas Gerais, em uma cerimônia em que se concediam aos alunos um anel de grau. Como ela era a única mulher entre os formandos, todos diziam que ela teria noivado com o arquiteto. No segundo encontro, ele lhe concedeu um generoso parecer de avaliação em sua banca de dissertação.

Sobre Edgar Graeff, um teórico da arquitetura, ela lembra de seu constrangimento ao avaliá-la. Inicialmente, ele imaginava que o trabalho de Philomena fosse teórico, mas constatou que se tratava, na verdade, de um grande levantamento técnico, inédito, sobre os dados do clima de Brasília. Sua pesquisa foi o primeiro levantamento climático da cidade com aplicação nas construções de Brasília, e permanece, ainda hoje, uma grande referência para os estudos bioclimáticos do Cerrado.

Em sua pesquisa, a autora se embasou em uma extensa bibliografia⁵ sobre estudos climáticos, com aproximadamente quarenta e quatro títulos que datam de 1948 a 1964, incluindo quatro publicações de língua espanhola, dezessete francesa, dezesseis inglesa e nove portuguesa. As referências em português e espanhol se concentravam nos estudos climáticos regionais; os textos em francês, dos anos 50, tinham como foco o comportamento do concreto nas construções; e as publicações americanas, também dos anos 1950 e começo dos 60, tratavam de clima, ventilação e refrigeração. Philomena lembra: “justamente nesta época aparece o livro⁶ de Victor Olgyay, professor de Princeton, que propõe um método para tratar a interface entre condições exteriores e interiores.’ É o método que tentei aplicar no caso de Brasília, por sugestão de meu primeiro orientador, o professor Eustáquio Toledo”.

⁵ Acesso a bibliografia completa em ALIAGA-FUENTES, 2017, p.348.

⁶ DESIGN WITH CLIMATE, Bioclimatic approach to architectural regionalism, Princeton University Press, 1963,



Fotografia 5: Philomena em 1965. Fotos cedidas por Philomena Miller.

A bossa nova e as políticas estudantis

De acordo com Philomena, os dois anos em Brasília foram os mais intensos da sua vida. Além da pós-graduação, fez também estágios em planejamento urbano e com Oscar Niemeyer. Sobre o contato com o arquiteto, ela recorda que naquele momento o escritório de Niemeyer fazia muitos projetos e ele viajava o mundo inteiro. Ainda assim, como diretor do CEPLAN - Centro de Planejamento da Universidade, ele voltava ao país regularmente e era uma pessoa muito afável. No entanto, Philomena tinha a sensação de que “a ideia que ele tinha das mulheres arquitetas era muito tradicional. Eu não tenho provas disso, mas a minha impressão é que, para ele, a mulher não tinha nada o que fazer com a arquitetura.” De qualquer forma, foi graças à benção do arquiteto que ela levou adiante seu estudo, pois muitos imaginavam que o trabalho fosse uma crítica às edificações de Brasília. Para encerrar o assunto, lembra Philomena, Niemeyer teria dito: “deixe a menina fazer o que ela quer fazer”.

No início dos anos 1960, o Brasil contava apenas com cinco escolas de arquitetura, que hoje são mais de 800. Se atualmente a participação feminina na profissão está próxima aos 70% (CAU/BR, 2020), na época girava em torno de 10%, ou seja: ser mulher e arquiteta era para poucas. O momento era de reformas no sistema brasileiro de ensino e a Universidade de Brasília tinha uma proposta pedagógica inovadora. Uma característica comum aos mestrados de 1962 era o ativo engajamento na política e nas reformas educacionais. Com Philomena não foi diferente. Em 1963, junto a Mayumi Watanabe, compôs a delegação universitária brasileira no "Encontro Internacional de Professores e Estudantes" e no "VII Congresso da União Internacional dos Arquitetos

de Havana". A viagem foi uma longa aventura. A delegação latino-americana embarcou em um navio cargueiro soviético, intitulado Nadejda Krupskaia (nome da esposa de Lênin), no porto de Santos em São Paulo, com destino a Cuba⁷. A viagem teve paradas no Rio de Janeiro e Recife. Da experiência, entre tantas histórias, ela trouxe na mala um importante material sobre pré-fabricação, que era o tema central das pesquisas na Universidade.





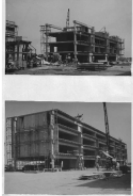

Ela recorda que o sistema de ensino, avançado para a época, se baseava em uma proposta interessantíssima: a Aula Maior, que poderia ser mais ou menos traduzida como um encontro de orientações coletivas, onde o professor principal da área de teoria e história (no caso o professor Edgar Graeff) lançava um tema para os mestrados. A matéria era desenvolvida para posterior debate e síntese, essa última etapa conduzida pelo professor. Em seguida, os grupos de alunos de graduação se dividiam para uma aula prática sobre o mesmo tema no meio do Cerrado

Outra lembrança interessante de Philomena é a relação da Universidade com a cidade. Os mestrados davam aula para a população de Brasília, falando sobre sua história e sobre arquitetura em geral. Como os tempos políticos eram difíceis, eles sabiam que tinham de ser cautelosos, pois entre os ouvintes havia muitos militares. Curiosamente, foi justamente um deles que alertou a família da arquiteta que seu nome estava na lista das pessoas que seriam presas pela repressão. O jovem militar tinha assistido às aulas de Philomena e, ao ver seu nome numa delas, foi até a casa dos pais avisá-los. Ela não sabe quem foi, mas tem um sentimento de dívida. "Eu tinha voltado de Cuba e os meus pais, coitados[...] Minhas irmãs se lembram de papai e mamãe queimando o que eu trouxe de Cuba em uma banheira. Imagina! Meus pais moravam num apartamento e eu na universidade. Eles queimaram todo esse material."⁸

A criação da Universidade de Brasília era um sonho de grande parte da intelectualidade brasileira, mas o projeto foi abruptamente interrompido em 1965, em consequência ao golpe militar. Após um longo período de sufocamento da autonomia universitária e perseguição política, os professores e instrutores decidiram renunciar coletivamente. Como a maioria dos jovens da época, especialmente aqueles que vieram para criar a universidade, Philomena era filiada ao Partido Comunista e, logo após a tomada de poder pelo exército, seu nome começou a circular nos meios de repressão.

⁷ Para conhecer um pouco desta história: DORFMAN, C. **Havana 63**. Porto Alegre: Movimento, 2013.

⁸ **Philomena Miller - trajetória**. 2021.

 <p>Fonte: CEDOC</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>
<p>OCA - Estrutura de elementos modulados e industrializados em madeira com fechamento de empenas cegas em alvenaria. O sistema construtivo utilizado foi o SR2</p>	<p>SG - Foram construídos com dois tipos de elementos estruturais: placas de parede (produzidas em usina, com sistema de cura a vapor) e vigas protendidas de cobertura.</p>	<p>CIEM - Paredes e cobogós de concreto armado, sob a forma de painéis pré-fabricados de grandes dimensões, que formam a estrutura portante do prédio.</p>
 <p>Fonte: Pessina</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>
<p>Protótipo - a célula compreende uma habitação inteira, foram previstas para produção em série e podem ser inteiramente acabadas em usinas.</p>	<p>Colina - Apoios verticais moldados in loco. Vigas duplas longitudinais suportam lajes nervuradas. Cobogós, esquadrias e paredes de instalações hidráulicas em painéis de concreto.</p>	<p>ICC - A exceção da fundação e alguns elementos de contraventamento, o prédio é todo pré-fabricado. Pilares e vigas de concreto protendido. Elementos de grande tamanho e peso.</p>

Fotografia 6: Pré-fabricados na UnB - primeiro período. Fonte: imagens extraídas da dissertação do Pessina.

Do Rio de Janeiro a Estrasburgo - França

Diante do perigo, Philomena e a família decidiram que ela voltaria para Belo Horizonte e ficaria na casa de uma amiga, de família tradicional e religiosa, um lugar insuspeito. Como a lista de perseguidos da ditadura era renovada constantemente, assim que o seu nome saiu dos possíveis presos políticos, ela voltou brevemente para Brasília em busca de documentos que comprovassem sua participação na UnB. Logo em seguida, se dirigiu ao Rio de Janeiro, onde naquele momento ainda estavam as embaixadas. Queria deixar o país como estudante, não como exilada política, como propunha o partido comunista. Ela sabia que se saísse do país clandestina, não poderia voltar nunca para ver a sua família.

No Rio, por intermédio de uma amiga, foi apresentada a Carmen Portinho⁹. Ela, ao saber da sua situação, “que fazia parte da lista na qual não podia estar, e que tampouco estava apta a ter um emprego público, me colocou na lista dos desenhistas. Eu trabalhei lá no museu, foi genial.” (MILLER, 2021) No Rio, entrou em contato com a embaixada da França, que na época ajudava estudantes de Ciências Humanas a obterem bolsas de estudo. Um funcionário da embaixada, que anos depois descobriu ser um parente distante, a indicou para um estágio em Paris, pela ASTEF - *Association pour l'organisation des stage en France*.

Chegando na capital francesa, foi trabalhar em um escritório de arquitetura que fazia projetos para as colônias francesas na África, principalmente no Marrocos. Philomena

⁹ Carmen Portinho era a diretora do MAM, o Museu de Arte Moderna do Rio (PORTINHO, 1988).

descobriu que, se Brasília era renomada internacionalmente, o conhecimento sobre a arquitetura moderna no Brasil era limitado, apesar das inúmeras publicações existentes (revistas, livros, etc). Era muito comum equiparar o clima brasileiro às colônias do protetorado francês. À época, seu papel enquanto especialista em clima se resumia a dizer onde ficaria o poço de água¹⁰.

Sua sorte foi que, ao entrar no programa da agência francesa, enviou todos os seus documentos e uma cópia de sua tese. Sua orientadora de estágio mostrou o trabalho ao diretor do Center for *Bioclimatic Studies* de Estrasburgo, que convidou Philomena a integrar seu laboratório. Entre suas primeiras investigações na França está o estudo da *French Bioclimatic Comfort Zone*.

Mostrei a ele meu trabalho e essa coisa de clima e conforto. Ele achou curioso, interessante, porque eles nunca tinham pensado nisso. [...] Ele me convidou a Estrasburgo para passar um mês. Quando eu cheguei lá, comecei a trabalhar dentro do laboratório, que não era uma coisa só de arquitetura, tinha fisiologia aplicada e outras coisas. Tinha gente que trabalhava com sono aplicado ao ambiente, o ambiente climático e o barulho. Muita experimentação. (MILLER, 2015).

Philomena chegou à França em 1966. Na época, havia apenas duas escolas de arquitetura e ambas estavam em Paris: “uma era a escola de Belas Artes e a outra a escola técnica, que era privada e muito cara”. Philomena conta que um dos efeitos do maio de 68 foi que os antigos cursos de arquitetura se tornaram Escolas de Arquitetura e se distribuíram por todo o território. Sua experiência em Brasília foi fundamental, tanto do ponto de vista acadêmico e de pesquisa, como pela troca de experiência entre diversas áreas que a pós-graduação de Darcy Ribeiro propunha.

¹⁰ Philomena conta que “nas vésperas de sua independência (fim dos anos 60) colônias da África do Norte (Algerie, Maroc, Tunisie) e da África negra serviram de terreno de ensaio de experiências de urbanismo e de construções modernas. Muitas destas realizações são de muito boa qualidade (um artigo meu trata esta questão no livro “Architectures Françaises Outre-Mer.”, éd. Mardaga, 1992).”



Fotografia 7: Philomena e Gunter Weimer em Estrasburgo, 1967. Fonte: Philomena Miller.

Apesar de todas as críticas, a arquitetura moderna brasileira tinha uma tradição de que os problemas deveriam ser pensados e traduzidos pela arquitetura, e não por meios tecnológicos. “Todo mundo no Brasil que fazia arquitetura na minha época pensava que era esse o modo mais adequado de se projetar. Quando eu cheguei na Europa, o pessoal me dizia com muita superioridade: ‘nós não precisamos disso, nós temos climatização’”.

Sua experiência como pesquisadora da Universidade Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira foi fundamental para a sua trajetória na França. Nessa nova etapa, seu grande desafio era implantar o ensino bioclimático em Estrasburgo.

a experiência que eu tive em Brasília foi extremamente útil aqui, porque eu fiz concurso para trabalhar na abertura da escola de arquitetura de Estrasburgo, que naquela época estava sendo refundada como escola independente. Fui eu que introduzi esse tipo de ensino aqui em Estrasburgo, que em seguida foi transmitido a outras escolas de arquitetura. (Miller, 2021)

Miller-Chagas, ambiências e memórias

Antes mesmo de passar no concorrido¹¹ concurso de professora em Estrasburgo, Philomena delineava a peculiaridade de sua trajetória, sempre envolvida na multidisciplinaridade e trabalhando com pesquisa. A sua participação nos estudos Bioclimáticos¹² lhe rendeu um novo batismo, e desde então ela passou a assinar

¹¹ “A favor do meio educativo francês lembro que no que me tocou no longo período de trabalho por cá, nunca sofri discriminação perceptível nem como estrangeira nem como mulher. O que contou foi a consideração do trabalho, tanto de ensino quanto de pesquisa. Como exemplo o título de professor que me foi atribuído por concurso nacional, o primeiro recebido por docente da École d’Architecture de Strasbourg. As escolas de arquitetura francesas adotaram a mesma hierarquia acadêmica em matéria de postos (assistant, maître assistant, professeur, cada um com vários graus...)”

¹² Philomena esclarece as diferenças linguísticas: “Sobre o termo “bioclimático”, embora no Brasil seja diferente, no contexto francês é um termo carregado de conotação predominantemente técnica, dando um verniz de arquitetura à

Philomena Miller-Chagas¹³. Na mesma época ela foi convidada pelo engenheiro René Tabouret, apaixonado por arquitetura, para fazer uma palestra em Estrasburgo e apresentar o seu trabalho no laboratório, o que impulsionou sua candidatura ao cargo. Para Philomena, o momento da sua chegada a Estrasburgo foi como a sua passagem por Brasília: lá também, ela fez parte de um grupo de pessoas diferentes, vindas de distintos lugares, com um objetivo comum de transformar o ensino. Esse foi o grande desafio no início da sua carreira: compreender como melhorar a estrutura do ensino e como traduzir aspectos técnicos em arquitetura e em espaço. Philomena conta que os melhores resultados ela alcançou com disciplinas não obrigatórias de Seminários, que propunham pensar o ambiente como parte da arquitetura e desenvolver um espírito crítico no olhar da própria arquitetura. Direcionando seu olhar para a questão da luz nas edificações, Philomena participou do catálogo da exposição do Centenário de Le Corbusier em 1987, com textos de sua autoria tanto no catálogo como no livreto.



Fotografia 8: Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Le Corbusier. Fonte: Philomena Miller.

O retorno

Em razão da ditadura militar, Philomena demorou alguns anos para retornar ao Brasil. Voltou, entre 1978 e 1979, como professora no curso de Especialização em Conforto

recondução de tratamentos antigos, como os dos cursos de “conforto”. Para distinguir estes, adotamos o termo de “Maitrise des Ambiances”, o conteúdo de ensino que transmite o modo arquitetural de considerar a relação entre arquitetura e meio físico. Para abreviar se fala de ensino e pesquisa sobre as “ambiances”. Concordo que se esta distinção tem o mérito de existir, o título não é em nada clarificador”

¹³ “Fui batizada Miller-Chagas em 1970 quando o professor Bernard Metz diretor do CEB entregou as provas para publicação do trabalho que realizei no seu laboratório (na França o sobrenome principal é o primeiro. Na mesma época, outras publicações citavam este nome e não tive então a energia de corrigir tudo isto.”

Ambiental na Universidade Federal da Paraíba. Ela conta o episódio quase como uma anedota. Lá, ninguém a conhecia e sua chegada foi noticiada pela imprensa local como a visita da “pesquisadora austríaca”.

Com a abertura política do país e o processo de redemocratização com a Anistia, vários professores e instrutores cassados pela ditadura foram re-empossados em seus cargos. Philomena foi anistiada e voltou à UnB nos anos 1990. Apesar de ser uma decisão institucional, não foi simples, já tinham passado quase 30 anos e a FAU não sabia muito bem como recebê-la. Para cumprir com o processo, Philomena trouxe uma exposição com mais de 100 painéis de trabalhos estudantis, que foi apresentada em Brasília no CEPLAN. A exposição circulou pelo Brasil e terminou no Uruguai e na Argentina, contando com o apoio da Embaixada da França e da companhia aérea VARIG, que fez o transporte dos painéis. Uma versão reduzida da exposição, com 60 painéis bilíngues (francês-inglês), foi apresentada um pouco depois da inauguração do Grande Arco de La Défense, durante um encontro educacional sobre o ensino, em 1993.



Fotografia 9: Exposição que circulou pelo Brasil e Uruguai. Fonte: Philomena Miller.

A interdisciplinaridade

Philomena lembra um dos seus últimos trabalhos como professora em Estrasburgo, o *Fenêtre dans la Clairière*, uma proposta de pavilhões que trabalhavam a luz e sua sensação no ambiente, com espaços em escala 1:1 que se encontravam no meio de uma clareira. A exposição foi abrigada pelo Ecomuseu Ungersheim na Alsácia e era aberta ao público em geral.

Outro trabalho de destaque foi a pesquisa encomendada pela municipalidade sobre o modo de agrupamento dos edifícios e sua relação com os espaços urbanos, principalmente aqueles destinados às crianças nas habitações de interesse social. Por

se tratar de moradias para classes mais vulnerabilizadas, a ideia era evitar o uso de calefação e estudar a relação dos edifícios com a projeção de sombra do entorno. Em um trabalho em equipe, um dos seus assistentes criou um aparelho capaz de fotografar o local e, a partir da imagem, medir a incidência de luz solar o ano inteiro.

No final dos anos 90, após uma pausa, Philomena tira partido da sua formação multidisciplinar e parte para Turim, a fim de pesquisar a luz na arquitetura Barroca italiana, em especial o trabalho do arquiteto Bernardo Antonio Vittone. Ele, a seu ver, faz a síntese do estilo, quase na transição entre o Barroco e as diversas vertentes do Neoclassicismo. Ao consultar seus desenhos, ela descobriu seus escritos de 1750, verdadeiros manuais como os tratados clássicos, distantes do que realmente era sua arquitetura. Chama a sua atenção que clientes de Vittone eram ‘os pobres’ e que mesmo em pequenas igrejas comunitárias ele tinha domínio da técnica da luz no ambiente.

Philomena se aposentou em 2005¹⁴ e continua vivendo em Estrasburgo. Ao longo de sua carreira, procurou entender a relação entre a arquitetura e o seu entorno. Tanto a sua trajetória pessoal quanto profissional são avançadas para seu tempo. As arquitetas Mayumi, Márcia e Philomena inauguraram a presença feminina na pós-graduação na FAU da UnB. Segundo ela, e as três tinham em comum o interesse pelo lugar físico de Brasília, o que ao seu ver é útil, senão necessário na elaboração dos projetos que ali se implantaram. Para ela, tudo começou em Brasília.

Referências

ALIAGA FUENTES, M. (2017). Os primeiros mestrandos da FAU-UnB: de um passado que não se construiu [Universidade de Brasília]. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24497>

BATISTA, Márcia Aguiar Nogueira. Escolas Primárias. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

BIBLIOTECA JURÍDICA (2020). Exposição conta a história da FAU nos 70 anos da sua fundação. Diário Oficial Poder Executivo [do] Estado de São Paulo: parte II: Executivo I, São Paulo, 5 mai. 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecajuridica.sp.gov.br/noticias/MostraNoti.asp?par=8644>. Acesso em: 13 ago. 2020.

¹⁴ Espaço de memória – Três amigas e um passeio de muitos resgates: em visita à exposição, Philomena, Maria Helena e Lena rememoram situações variadas. Arquiteta aposentada, a mineira Philomena Miller Chagas vive há décadas em Estrasburgo, na França, mas programou-se para visitar a mostra na sua vinda ao Brasil. “Estou em São Paulo para ver isso”, destacou. Embora tenha estudado arquitetura em Minas Gerais e lecionado por 30 anos na universidade da cidade francesa em que reside, sente-se bastante ligada à FAU-USP. O vínculo deve-se à orientação de Vilanova Artigas no mestrado realizado na Universidade de Brasília (UnB), e aos contatos travados com muitos alunos e ex-alunos da faculdade paulista. (BIBLIOTECA JURÍDICA, 2020)

CARDOSO, M. (2018). Soleil, chantier et construction: Architectes brésiliens et transferts culturels dans l'enseignement architectural en France après 1968 [Billet]. Politique de la culture. <https://chmcc.hypotheses.org/4358>

CAU/BR. (2020). 1o Diagnóstico Gênero na Arquitetura e Urbanismo. Brasília: Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), 2020. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/diagnostico-revela-o-perfil-da-desigualdade-de-genero-na-arquitetura-e-urbanismo/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

DORFMAN, C. (2013). Havana 63. Movimento.

GALVIS, Alfonso Leiva. Paisagismo da área de vizinhança São Miguel-Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

LIMA, Mayumi Watanabe de Sousa. Aspectos da habitação urbana: Projeto da habitação coletiva para a unidade de vizinhança São Miguel. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

MILLER-CHAGAS, Philomena. (1987). Le soleil dan la ville. Werk, Bauen+Wohnen, 66-67.

_Plano Orientador da Universidade de Brasília. (1962). Editora Universidade de Brasília.

PORTINHO, Carmen. Entrevista a Hugo Segawa. In: Revista Projeto&Design (nº 111), 1988. p.115- 120.

Entrevistas

Miller, P. C., Leal, J. de A., ZETTEL, J., SANTANA, G. J., BATISTA, G. N., & GALVIS, A. L. (2021). *Aos mestres da pós-graduação na UnB 1962-1965* [Entrevista]. <https://youtu.be/GYuzMZbZ7AM>

Philomena—Brasília (M. ALIAGA FUENTES). (2015, março). [Comunicação pessoal].

Philomena—Trajetória (M. ALIAGA FUENTES & L. R. D. COELHO). (2021). [Comunicação pessoal].